

**Afonso Arinos, filho**

**ATRÁS  
DO ESPELHO  
CARTAS DE MEUS PAIS**



**EDITORA RECORD**

## Introdução

**C**erta vez, presenteei Afonso Arinos com um livro da coletânea espanhola *Biblioteca de Autores Cristianos* sobre Alfonso de Querejazu, de quem ele fora amigo quando ambos, tuberculosos, se encontravam internados num sanatório suíço. Querejazu, boliviano de origem basca, posteriormente receberia ordens sacras, e morreria, em Ávila, como uma das maiores figuras da Igreja na Espanha do seu tempo, após haver inspirado as *Conversaciones de Gredos*, através das quais procurara informar de espírito cristão a vida política e cultural da pátria adotiva.<sup>1</sup> Mais tarde, ao indagar-lhe se havia lido o volume, Arinos disse-me que começara pela correspondência, pois, a seu ver, era através desta que melhor se conhecia uma pessoa no seu íntimo.

Nas memórias que planejava escrever, conforme me confiou, de Lisboa, em 24 de maio de 1959, ele buscava ordenar “as reflexões de um cinquentão voltado sobre si mesmo”. “São memórias, mas de tom predominantemente literário”, aduziria em 7 de janeiro de 1960. Já as cartas refletem, sem ambages, o homem humano — atrás do espelho da política e da literatura —, embora também impregnadas dessas atividades, a que, como ao magistério e ao direito, se dedicou por toda a vida.

Desde que, pela primeira vez, saí do Brasil, em 1951, passei a guardar cartas e demais mensagens paternas e maternas recebidas. Algumas — bem poucas — se extraviaram, na quase totalidade telegramas de circunstância e saudações lacônicas lançadas à margem de documentos ou recortes que me enviavam.

Após a morte consecutiva de ambos, com seis semanas de intervalo (em

---

<sup>1</sup>Alfonso de Querejazu nascera em Sucre, na Bolívia, filho do cônsul espanhol, de etnia basca. Quando embaixador em La Paz, conheci diversos familiares seus, um dos quais, o sobrinho Gustavo Medeiros Querejazu, foi, por sua vez, embaixador no Brasil e ministro das Relações Exteriores (cf. carta de 8 de agosto de 1982).

agosto e outubro de 1990), reuni-as todas. São 348 de Afonso e 195 de Anah<sup>2</sup> (umas enviadas, conjuntamente, a mim, meu irmão e minha esposa,<sup>3</sup> outras — dela — dirigidas apenas a Beatriz, que lhe mandava, como ela pedia, “notícias miúdas, dessas que as mulheres gostam”).

A vida íntima de Afonso Arinos de Melo Franco sempre foi tão inextricavelmente entrelaçada com a do homem público que, a todo tempo, nas cartas, elas se misturam e confundem. Assim, o desvelo permanente com o bem-estar dos familiares e as modestas preocupações financeiras revelam-se de forma simultânea à inquietação e ocupação incessantes com o destino do Brasil e do mundo, com a cultura nacional e universal. E, como pano de fundo permanente, inarredável, irreversível, sem pausa nem remissão, a crise brasileira.

A troca de cartas de amor entre ambos, publicada por ele em *Retrato de Noiva*,<sup>4</sup> revela-se “sociológica porque retrata, sem intenção de o fazer, a vida de um certo grupo social brasileiro, no momento histórico em que iam desaparecer os valores em que se formara”.<sup>5</sup> Não é o caso destas missivas, escritas quando tais valores, de há muito, já se foram. Mas, se as prolongadas ausências inerentes à carreira diplomática nunca me pouparam a sensação dolorosa, sobretudo nos últimos tempos, de que eu passaria boa parte da vida sem desfrutar da companhia do casal, tal situação foi, pelo menos, compensada (não para mim, mas para aqueles suscetíveis de usufruírem deste testemunho) por extensa correspondência, que espelha, num amplo leque de quarenta anos (de 1951 a 1990), a luta incessante, o esforço hérculeo de um espírito luminoso para incutir aqueles valores, mantê-los ou restaurá-los onde quer que ele se movesse, fosse no âmbito da política ou das letras, no meio familiar, brasileiro ou internacional.

A luta terá sido inútil, o esforço vão? A Arinos, lembrou Carlos Drummond de Andrade, “Afonso, que bela vida / a vida nem sempre aberta / às sonatas da vitória! / Ser derrotado, quem sabe / se é raiz amargosa / de triunfo intemporal?”<sup>6</sup>

Assim, as mensagens paternas a que aludo não se transcrevem na íntegra, pois seus aspectos de circunstância a poucos poderiam interessar além das pessoas diretamente envolvidas. Minha intervenção consiste, sobretudo, em ligá-las umas às outras, respeitando-lhes rigorosamente a ortografia e a pontuação. Nelas se busca respigar, apenas, idéias e atitudes que testemunham as diretrizes de uma grande vida, na sua longa e fecunda trajetória. E, aqui, ninguém foi especialmente poupado, a começar por mim. Omiti alguns adje-

<sup>2</sup>Ana Guilhermina Rodrigues Alves Pereira, esposa de Afonso Arinos de Melo Franco.

<sup>3</sup>Beatriz Moscoso Fontenelle.

<sup>4</sup>Cf. nota 1229.

<sup>5</sup>Opus cit., p. 140.

<sup>6</sup>“A Afonso Arinos, setentão”, em *Discurso de Primavera e Algumas Sombras*, Edição MPM Propaganda, Rio de Janeiro, 1977.

tivos mais vivazes, mas não conceitos ou opiniões, essenciais à compreensão da época, dos cenários ou dos personagens que neles se movimentavam.

Como pano de fundo (que ele decerto aprovaria, e ela talvez não), situações e ambientes são explicados e descritos, com o seu realismo habitual, por trechos de cartas maternas, a nós dirigidas paralelamente, no paralelismo sem falhas das vidas e mortes inseparáveis de Afonso e Anah.

Haia, 27 de fevereiro de 1991.

# 1951

**E**m janeiro de 1951, encontrava-me em Londres, convidado e hospedado por minha bondosa tia Zaíde, irmã de Afonso Arinos, e pelo seu generoso e dedicado marido, o então Ministro Jaime Sloan Chermont. Eles tinham-me oferecido a viagem como prêmio por haver ultrapassado os exames de ingresso na carreira diplomática, e antídoto contra a forte crise depressiva que o grande esforço feito para superá-los, num prazo relativamente exíguo, me acarretara.<sup>7</sup> Lá recebi a primeira carta de Arinos que possuo, datada do dia 29, a qual já lhe reflete a preocupação com aqueles valores que o conformaram e informaram por toda a vida. “Você foi, realmente, numa idade magnífica para isso:<sup>8</sup> com um descortino intelectual capaz de tirar proveito das observações, e com um entusiasmo psicológico suficiente para fazer ressaltar o que há de grande, nobre e generoso nessa velha civilização, sem atentar bastante nos aspectos sinistros da sua decomposição e decadência. Eu, em todo caso, ainda creio na vitória final dos valores em que cremos e que assistiram à nossa formação.”

Dois dias antes, porém, Anah descrevia-me, em contraponto, o ambiente familiar e político no qual se movia o então deputado federal opositorista por Minas Gerais. “Desde o dia 20 estamos aqui em Petrópolis, levando essa mesma vidinha tranqüila que você conhece, e muito sozinhos, sem vocês e praticamente sem o Chico<sup>9</sup> (...). Seu pai passou três dias dessa semana no Rio (...). Hoje, sábado, ele foi chamado pelo Odilon<sup>10</sup> logo de manhã para que descesse, porque havia sessão extraordinária na Câmara para a votação da

---

<sup>7</sup>Cf. meu *Primo Canto*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976, pp. 37-39.

<sup>8</sup>Eu completara 20 anos.

<sup>9</sup>Francisco Manoel de Melo Franco, filho mais moço de Afonso Arinos.

<sup>10</sup>Odilon Duarte Braga, deputado federal por Minas Gerais, ex-ministro da Agricultura de Getúlio Vargas (o único que se demitira quando do golpe do Estado Novo, em 1937).

célebre convocação. Ele prometeu que ia, mas depois ficou no mole porque parece que está fazendo muito calor. Mas agora, às 7 1/2 da noite, ele ouviu no rádio que não tinha havido número para a votação e que tinha sido convocada uma sessão noturna. Af ele não teve outro remédio senão descer, envenenado, e dizendo que volta ainda hoje. Vamos a ver. O G.<sup>11</sup> foi diplomado hoje e está no Rio, cercado da bajulação geral. É uma vergonha. Continua cercado de capangas e passa os dias entre o Hotel das Paineiras, a casa do Eptacinho<sup>12</sup> e a do Góis Monteiro.<sup>13</sup> Felizmente a UDN<sup>14</sup> tem-se mostrado independente, e fora de qualquer colaboração. Deus que a conserve, pois a impressão que dão os outros partidos é de nojo.”

E aconselha-me a que “aproveite bem tudo, olhe bem tudo. Nunca se sabe quando se terá nova oportunidade”.

---

<sup>11</sup>Getúlio Vargas, recém-eleito presidente da República.

<sup>12</sup>Eptácio Pessoa Cavalcanti, filho do ex-Presidente Eptácio Pessoa.

<sup>13</sup>General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, militar e político alagoano, por duas vezes ministro da Guerra de Getúlio Vargas, teve participação central na revolução de 1930, no golpe de Estado de 1937, e seria senador da República.

<sup>14</sup>União Democrática Nacional, partido de oposição ao Estado Novo, do qual Afonso Arinos fora um dos fundadores.

# 1952

**M**ais de um ano depois, eram eles que partiam, com meu irmão, a convite da Faculdade de Direito de Paris. Viajar com a frequência possível representava, então, o maior derivativo para Afonso Arinos, a fuga das crescentes tensões políticas a que o sujeitava a rápida ascensão na Câmara dos Deputados, onde, em breve, assumiria a liderança do seu partido. As cartas chegaram-me de bordo do *Provence* (ao largo de Dacar), de Gênova, Paris, Frankfurt, Londres. Do navio, a 8 de maio, Arinos descreve o plano da excursão. “Escrevo esta, como deixei mencionado acima, na véspera da nossa chegada a Dacar. A viagem tem corrido bem, embora monótona. Pouca gente a bordo, nenhuma animação. Sua mãe e o Chico em perfeita saúde, graças a Deus.<sup>15</sup> Eu, também, sem novidade. O navio é bastante bom e a comida, excepcional. Vinho branco e tinto, de graça, em todas as refeições. *Foie-gras*, faisão, boa carne, doces e frutas. Mas a viagem marítima é que vai mesmo se tornando *démodée*. O navio, aos poucos, se transformou em uma espécie de trem de Petrópolis. Todo mundo prefere o ônibus ou o carro, isto é, o avião. Tocaremos em Dacar, onde já existe preparada uma excursão, e também em Casablanca, que estou curioso de visitar (...). De Marselha iremos até Gênova em automóvel, pela Costa Azul (Riviera). De Gênova vamos a Milão e Como (auto-estrada), daí seguiremos por volta do lago entrando na Suíça pela Engadine (St. Moritz). Desejo que o Chico tenha uma idéia deste maravilhoso país a que me ligam tantas recordações de meu pai e da minha mocidade. Desceremos por Lucerna (subida ao Monte Pilatus para o Chico ver e rolar na neve) até Genebra, passando por Lausanne. De Genebra irei então a Paris, não

---

<sup>15</sup>Nesta correspondência, 238 referências a Deus em 348 mensagens testemunham a religiosidade arraigada de Afonso Arinos.

sabendo ainda qual o caminho a escolher. Talvez pela Savóia. Permaneço com a intenção de ir por uma semana à Alemanha, passando pela Bélgica e Holanda. Não sei, porém, se haverá tempo. Em seguida vamos à Inglaterra e de lá voltaremos pela região do Loire, atravessando os Pirineus para a Espanha e daí a Lisboa, onde tomaremos o barco de volta. Surgiu uma possibilidade de voltarmos no *Andes*, que passa em Lisboa por volta de 12 de agosto. Não sei ainda se a aproveitarei. Depende do dinheiro que restar...”

Anah, em pós-escrito, explica que “Tencionava escrever longamente, mas justamente hoje amanheci bem enjoada, pela primeira vez. A caceteação está terrível, tenho, às vezes, vontade de gritar por socorro”.

No dia 12, ela transmite suas impressões de Dacar, onde “fazia quase frio e uma linda manhã. Desembarcamos às 8 horas, demos um longo passeio de ônibus que durou 3 horas: fomos ao mercado, à igreja, às principais avenidas e às *village indien*, que é uma espécie das nossas favelas. Os franceses estão fazendo lá uma série de casas populares para irem aos poucos substituindo os casebres, que são muito interessantes: são em forma redonda, de borracha recoberta de cimento. Mas o mais interessante é a negrada, grande, forte, as mulheres com roupas em cores vivas, cabeças enfeitadas, roupas essas que muito se assemelham às nossas baianas, mas mais fantasiadas, com cabelos em lã, postiços, grandes brincos dourados etc... A viagem continua de uma caceteação sem par (...). Mas só peço a Deus que cheguemos ao fim da viagem; não há quem agüente essa pasmaceira de bordo”.

Além do tédio, o desconforto no navio é salientado em pós-escrito. “Já é meio-dia, estamos avistando a costa. Às duas horas devemos estar em Casablanca, e depois de amanhã, às 5 da tarde, em Marselha. Vamos ter que ficar lá uns dois dias pois não aceitaram roupa para lavar a bordo (veja você que horror), de modo que sujamos muita roupa, é preciso ficar em Marselha e mandar lavar a roupa para podermos fazer a volta pela Suíça.”

A 18 de maio, ela descreve encantada, de Gênova, as excursões empreendidas pelo sul da França, a partir de Marselha. “No dia seguinte fizemos um passeio a Arles e Avignon. Arles é uma delícia: ruínas entre casinhas velhas e as ruínas romanas. Tudo muito limpo, estradas ótimas, campos cultivados, uma beleza! Comemos uma boa *bouillabesse* no *vieux port* (...). Vimos até aqui no meio de flores: rosas, *geraniums*, margaridas, cravos, em tal profusão que eu fico besta. São muros, cercas, trepadeiras, até de dentro dos coqueiros caem *geraniums* floridos, de todas as cores. Lembro-me sempre de papai.<sup>16</sup> Ontem almoçamos em Vence, perto de Nice, onde fomos visitar a capelinha desenhada e pintada por Matisse. É linda, toda azul e branco, com as pinturas em azulejo, riscos pretos apenas, um grande St. Dominique, Nossa Senhora

---

<sup>16</sup>O Desembargador Cesário da Silva Pereira, que chegaria à presidência da Corte de Apelação (depois, Tribunal Federal de Recursos), amava as flores, por ele cultivadas em abundância no seu extenso jardim de Petrópolis.

com o Menino Jesus, e o Caminho da Cruz. (...) O próprio vilarejo de St. Paul de Vence é estupendo, o restaurante é uma velhíssima casa linda, com arcos e pinturas antigas, tudo isso misturado com quadros dos mais modernos, de Bracque, Dufy, Matisse, Marie Laurencin etc...”

Já de Paris (31 de maio), Afonso informa haver “comprado muito livro (que não estão nada baratos), algumas gravuras e autógrafos. Entre estes Sainte-Beuve, Victor Hugo, Anatole France, Taine, Pierre Louys. Comprei a grande edição Strowski de Montaigne, uma bela edição completa de Paul Louis Courier com *ex-libris* de Musset, e uma linda, maravilhosa mesmo, edição de Heródoto, do século 18, com uma encadernação em marroquim vermelho e dourados magníficos. Esta foi uma pechincha, 10.000 frs. apenas”. Anota detalhes do seu quotidiano na capital francesa. “Tenho guiado perfeitamente o meu carro em Paris. Observo que é muito mais fácil guiar aqui que no Rio.” Menos de uma semana depois, a 5 de junho, volta ao tema. “Aqui vamos nesta vidinha de Paris, que, se nada tem de extraordinário, é contudo tão absorvente que para nada deixa tempo. Almoços, jantares, teatros e a própria cidade, que nos absorve e nos encanta. Resolvi guiar francamente o meu carro por aí tudo. É muito mais fácil que no Rio: ando já por toda parte, a qualquer hora, e é raro não encontrar lugar para estacionar, como acontece aí.”

Porém o eco distante da política brasileira não o deixa em paz. “O inesperado falecimento do pobre Soares<sup>17</sup> e a intrigalhada que chega ao meu conhecimento pelos jornais, a propósito da liderança do partido, não me animam muito a regressar.”

Seguem, depois, para a Alemanha, visitando Mannheim, Frankfurt, Colônia, Munique. De volta a Paris, sua carta de 27 de junho revela que o otimismo quanto à facilidade de dirigir no tráfego europeu fora precipitado. “Com o acidente de automóvel que tivemos fui obrigado a despendar cerca de 130.000 frs. de consertos, o que, de certo modo, transtornou meus cálculos. Por isso não me pareceu prudente pagar aqui a diferença de preço entre as passagens do *Highland Princess*, no qual pretendíamos ir, e do *Andes*, no qual iremos embarcar em Lisboa, se Deus quiser, a 11 de agosto. Por isto combinei aqui com a companhia que a diferença será paga por você, no Rio.” Antes, narrara suas impressões da excursão. “Como você deve ter sabido fizemos uma bela viagem pela Alemanha e fiquei vivamente impressionado com aquele país que brota literalmente do meio das ruínas. Em Frankfurt (70% destruída) a vida é intensa. Casas meio demolidas são habitadas e iluminadas. Goethe na ordem do dia. Uma juventude espantosamente sadia, livros, porcelanas delicadas e intactas, vinhos brancos, cantigas a não mais poder. Estranho povo! Estranho mas ameaçador. Se lhe fosse possível integrar-se num mundo democrático e pacífico talvez a história vivesse um dos seus grandes séculos.”

---

<sup>17</sup>José Monteiro Soares Filho, deputado federal fluminense, líder da União Democrática Nacional, que Afonso Arinos, regressando ao Brasil, iria substituir.